

10 de Janeiro de 1996

O EXTERIOR

10 JAN 1996

Coluna Social FINANÇAS

Reformas de base ainda não sairão do papel neste ano

Ricardo D.S.Torres

Apesar do Congresso voltar ao trabalho mais cedo este ano, aparentemente as tão esperadas e necessárias reformas deverão continuar esquecidas por algum tempo. A euforia que antecipou a abertura do congresso no final da semana passada e início desta semana, possivelmente será substituída por fortes movimentos de vendas, tanto nas bolsas de valores como nos mercados internacionais.

**Crescimento
no primeiro
mundo resulta
em mais
exportações**

As mudanças estruturais na política fiscal e especialmente na redução do custo da máquina governamental são de importância vital para a continuidade do sucesso do plano Real. Estes dois itens em conjunto são os responsáveis por grande parte da dívida interna, que por sua vez, sempre foi a grande responsável pelos altos índices de inflação vistos no

passado na economia nacional. O sucesso do plano Real não conseguirá perdurar artificialmente por muito mais tempo, as decisões fundamentais não podem ser adiadas.

Sendo este um ano de eleições municipais, não podemos, tampouco, esperar grandes mudanças radicais em termos de redução de custos governamentais. Historicamente, em anos de eleição os custos do governo aumentam e os municípios representam a base do país. Portanto, a conclusão a que chegamos é que ao invés de presenciarmos um ano de reformas de base, veremos na verdade um ano de reformas de "arredores". Ao contrário da "teoria do mingau", onde se começa pelos arredores para se atingir o centro a uma temperatura agradável ao paladar, o Brasil irá permanecer sem atingir o centro uma vez mais.

Ao mesmo tempo, o panorama internacional continua sendo propício para o Brasil. As taxas de juros ainda mostram sinal de estarem altas, indicando que o fundo não foi atingido. O efeito deste fato é muito positivo para as exportações brasileiras, pois a redução nos juros nos países desenvolvidos visam aumentar o nível de atividade econômica. Para tal, mais insumos deverão ser importados. Um crescimento no primeiro mundo acarreta um crescimento para os países provedores de matérias-prí-

mas e insumos. Mais empregos e maior produção.

Além do bem e do mal do cenário de reformas, fica ainda a grande virada de sentimento em relação aos mercados latino americanos. Com a queda nos juros, a América do Sul torna-se um ótimo destino para os recursos tendo em vista os altos spreads de risco que se pagam nessa região. Desta forma, temos um ano promissor, onde os investidores externos irão proporcionar recursos em abun-

**Abertura do
Congresso
trouxe maior
movimentação
nas bolsas**

dância, para continuarmos o ritmo de crescimento. Estes recursos, naturalmente, serão compostos de investimentos diretos na produção e também o famoso "smart-money", buscando retornos rápidos. Cabe a nós conduzirmos a administração da alocação deste capital, para não sofremos o ataque de surpresa de uma eventual debandada em conjunto.